

# JUNTANDO E ARTICULANDO FRAGMENTOS, NA BUSCA DA CONSTRUÇÃO DE UMA METAGEOGRAFIA: A CONTRIBUIÇÃO DA GEOGRAFIA À TEORIA SOCIAL CRÍTICA<sup>1</sup>

Cláudio Jorge Moura de Castilho<sup>2</sup>

## Abstract

The main purpose of this essay is to focus the contribution of a 'metageografia' to the critic social theory. In the introduction of this study, we discuss the concept of 'metageografia'. In the first chapter, we show up some important ideas about the text. In the second, we talk about the bad consequences from a way of thinking without consider a complexity logic of thinking. Finally, we considered the nature of geography space in order to show how we must proceed to contribute to the development of a critic social theory and practice.

**Keywords:** Geography, 'Metageografia', Critic Social Theory, Fragmented World.

## Introdução

Este ensaio possui como objetivo central discutir a contribuição da geografia à teoria social crítica, numa perspectiva de construção de uma metageografia. Mas o que significa uma metageografia? Uma metageografia é aquela que considera a realidade sócio-espacial, simultaneamente, como uma existência corpórea e uma existência relacional, constituindo, assim, uma totalidade em permanente processo de totalização. Segundo Santos (1997: 94):

A totalidade é a realidade na sua integridade. Para Wittgenstein, no *Tractatus*, a realidade é a totalidade dos estados de coisas existentes, a totalidade das situações. A totalidade é o conjunto de todas as coisas e de todos os homens, em sua realidade, isto é, em suas relações, e em seu movimento. No seu livro *Origem da Dialética*, L. Goldmann (1967, p.94) nos diz que a totalidade é o 'conjunto absoluto das partes em relação mútua'. É assim que a totalidade evolui ao mesmo tempo para tornar-se outra, e continuar a ser totalidade. Essa totalidade do real, como quer Karpic (1972), compreende conjuntamente o Planeta, isto é, a natureza e a comunidade humana. O processo histórico é o processo de complexificação. Desse modo, a totalidade se vai fazendo mais densa, mais complexa. Mas o universo não é desordenado. Daí a necessidade de buscar reconhecer a ordem no universo, este podendo ser visto como um todo estruturado do qual nos incumbe descobrir suas leis e estruturas internas, conforme ensinado por K. Kosik (1967), em sua *Dialética do Concreto*. A ordem buscada não é aquela com a qual organizo as coisas no meu espírito, mas a ordem que as coisas, elas próprias, têm. A isso se chama totalidade concreta.

Nesse sentido, estruturamos a redação deste texto de modo a: apresentar algumas idéias introdutórias à contextualização da questão (primeira seção); retomar a idéia de que o mundo está sendo pensado e praticado de modo fragmentado dando margem a um processo que fragmenta a compreensão e prática das nossas ações (segunda seção); buscar a

---

<sup>1</sup> Este ensaio foi elaborado com base no esboço de uma palestra, intitulada Geografia e Teoria Social Crítica: do Pensamento e Ação Fragmentados ao Pensamento e Ação Articulados, proferida no auditório da Reitoria da Universidade Federal da Paraíba, no II Encontro de Debates de Geografia e Cultura, promovido pela Associação dos Geógrafos Brasileiros/João Pessoa, aos 26 de maio de 2004.

<sup>2</sup> Professor adjunto dos Programas de Graduação e Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal de Pernambuco.

natureza filosófica do processo de construção do espaço geográfico, (re) articulando os fragmentos da complexidade sócio-espacial numa perspectiva de totalidade (terceira seção); e, não fechando, mas deixando algumas considerações à reflexão de um novo saber/fazer geográfico (última seção).

## **I Algumas Idéias Introdutórias**

Começo a nossa argumentação dizendo que tudo o que será dito, provavelmente, já foi dito aqui e alhures. No entanto, como escrevera certa vez o filósofo greco-francês Cornelius Castoriadis: "... tudo sempre tem que ser dito de novo". (1990, 1993: 77). Isto porque, convém lembrar, os intelectuais – tradicionais e orgânicos – sabem o que está errado, no que tange ao processo de construção do espaço social da humanidade.

Mas continuam, absurdamente, deixando-se levar por idéias, discursos, propostas e experiências de organização espacial ligadas ao que Henri Lefebvre chamava de *ordens distantes*, que têm contribuído para a consolidação do que Milton Santos chamou de *solidariedades organizacionais* e *verticalidades* fixadas no espaço por meio de forças atreladas às imposições da *racionalidade técnica*, responsáveis pela construção dos *espaços da globalização*, os *espaços luminosos*, sob os parâmetros de *ritmos velozes e intensos*.

Como resultado das imposições supramencionadas, temos aquilo que, no olhar da Ermínia Maricado (2000), é chamado de *idéias fora do lugar*, na medida em que a reflexão sobre uma realidade específica guiada por teorias e conceitos produzidos em realidades de outros lugares, não tendo vínculos concretos com os lugares da nossa vida cotidiana, não conseguem explicar estes lugares na sua complexidade e, por isso, não se ajustam a eles.

E isso ainda acontece, apesar daqueles intelectuais também saberem que, valendo-me do trocadilho feito pela Ermínia Maricato a partir da frase anterior, *os lugares também se acham fora das idéias*, ou seja, nunca se consegue/conseguirá ajustá-los de todo porque eles são realidades social-históricas dinâmicas. Disso decorrem uma série de problemas sociais que se tem manifestado sócio-espacialmente pela desigualdade e pelos conflitos em diversos lugares do mundo.

É exatamente a permanência de *solidariedades orgânicas* (*horizontalidades*, *espaço banal*, *espaço habitado*, *espaço de todos*) que, conforme Milton Santos, sempre em contínuo e inacabado movimento, apresentam resistências às *solidariedades organizacionais*, mediante a construção e prática de *contra-racionalidades*. É o que temos que também buscar compreender nos nossos estudos, sobretudo, no que diz respeito à reflexão acerca de lugares situados em regiões problema.

Diante do exposto, por que razão nós continuamos a repetir discursos, viabilizando a consolidação das forças inerentes a *solidariedades organizacionais* da globalização perversa, nos lugares de vida do espaço habitado, já que temos a consciência de que tais ações são ineficazes no processo de elucidação do real e, por conseguinte, ao aprimoramento da teoria social crítica e da própria produção do espaço geográfico? Por que não consideramos, concomitantemente, as idéias e as experiências atinentes aos lugares da vida cotidiana, as quais possuem condições de constituírem e reforçarem aquilo que Milton Santos denominou de *força do lugar*?

Com isso poderíamos contribuir para a reflexão e o debate acerca do que é interessante ou não considerar para os lugares, das *solidariedades organizacionais*, para a sociedade como um todo (e não somente para as elites que sustentam as idéias fora dos lugares). E, ao mesmo tempo, incentivando a participação concreta e criativa de todos os interessados com a mudança social concreta, ou pelo menos de parte significativa destes.

## II Um Mundo Pensado de Modo Fragmentado Fragmenta as Nossas Ações

Com base em idéias de Cornelius Castoriadis, dizemos que vários são os fatores que sustentam a tese do mundo (o qual, para nós constitui o espaço/território/lugar) pensado de modo fragmentado. Dentre tais fatores, o autor destaca os seguintes: a separação entre razão e liberdade como projeto de autonomia; a separação entre a tecnociência e a filosofia; a expansão ilimitada das significações imaginárias sociais dominantes no mundo moderno (calcadas no consumo, no turismo...), frente ao estreitamento dos conteúdos democráticos das liberdades; a expansão da idéia e da prática da ciência como um acúmulo de conhecimentos, em detrimento do aprimoramento das suas dimensões crítica e criativa; e enfim, o predomínio do poder dos intelectuais frente às perspectivas concretas da participação efetiva e autônoma do conjunto da sociedade, no que diz respeito às ações sobre o seu meio;

Este pensar de modo fragmentado contribui para a prática de ações sócio-espaciais também fragmentadas, impossibilitando a permanente reflexão do mundo como ele, de fato é, e o que é pior, dificultando as ações conseqüentes sobre o seu meio (apenas criando *fábulas* para mascarar os efeitos da globalização perversa). Nesse sentido, temos como decorrência dos cinco fatores fragmentadores do pensamento, acima indicados por Castoriadis, cinco conseqüências a saber: a razão limita-se ao mero entendimento de alguns aspectos do real, adquirindo o *status* de Domínio Racional e sobrepondo-se sobre a dimensão da autonomia dos indivíduos/grupos sociais; a tecnociência, numa época de um *conformismo generalizado*, torna-se o único instrumento aceito pelos intelectuais de explicação do real, sendo vista, também, como a única saída para as sociedades; sem se questionar a dimensão filosófica do conhecimento e da *práxis* social; o consumo e o turismo (como significações imaginárias sociais dominantes) passam a serem vistos como panacéias e saídas pragmáticas, na busca da concretização do desenvolvimento sócio-espacial, sem se questionar a sua natureza/o seu sentido filosófico; a ciência, na medida em que se torna dogma, esvazia as possibilidades de reflexão crítica e de criação do novo (e o novo aqui seria a construção de significações imaginárias sociais voltadas à concretização do projeto autonomista de sociedade, por exemplo); a sociedade silencia e os intelectuais, de uma certa feita, roubam a cena, tolhendo-lhe as possibilidades concretas de participação da sociedade de modo autônomo e criativo.

Neste sentido, recolocamos outras questões oriundas da reflexão de Castoriadis as quais nos parecem bastante pertinente para o nosso contexto: será que precisamos de uns poucos intelectuais para dizer à sociedade o que ela deve fazer? Ou será que é a própria sociedade como um todo que deve exercer a sua capacidade de pensar e fazer, de maneira autônoma e criativa?

Sem considerar o que acabamos de destacar da filosofia de Castoriadis, continuaremos correndo o risco de pensar o mundo de modo fragmentado, o que nos levará a uma compreensão de um mundo reduzido e recortado da realidade. Compreensão que fará com que a sociedade, onde estão os verdadeiros atores da mudança social, continue a pensar o

seu mundo fragmentadamente, contribuindo para a elaboração de práticas sociais desarticuladas e reduzidas da complexidade do real; o que terá, por isso, uma forte ineficácia social.

### **III Em Busca da Natureza do Espaço Geográfico, (Re) Articulando Fragmentos e Contribuindo para a Teoria e a Prática Sociais Críticas**

A geografia é uma dimensão do conhecimento científico que estuda a sociedade/história dos homens, mediante as diversas formas de uso social do espaço geográfico, como lugar e/ou território usado pelos homens ao longo da sua vida. Além de ser uma totalidade complexa, o espaço geográfico, objeto de estudo da geografia, está sempre em contínuo e inacabado processo de totalização: o espaço, o seu conteúdo e os processos que nele têm lugar e que a partir dele acontecem, não devem ser considerados como um mero recorte fragmentado do nível social-histórico e da reflexão filosófica, mas como uma totalidade em movimento.

É verdade que, na trajetória acadêmica da análise geográfica, já há perspectivas críticas de abordagem que tentam se libertar de tendências fragmentadoras e, portanto, redutoras da realidade. Acreditamos que as reflexões inovadoras do filósofo francês Henri Lefebvre foram consideradas como semeadoras no que tange ao papel do espaço como instância social. E, discutindo com este filósofo, Milton Santos deixou-nos uma grande contribuição, na medida em que considerava o espaço geográfico como *um conjunto indissociável, dialético e solidário de sistemas de objetos e sistemas de ações*, como uma totalidade em contínuo processo de totalização. Assim sendo, ao conceber o espaço não só como uma materialidade, mas, ao mesmo tempo, como uma *materialidade animada por imaterialidades* (desejos, projetos, emoções, ações) buscava Santos libertar-nos dos imperativos de abordagens descritivas e fragmentadoras do espaço.

Caberia, portanto, a nós intelectuais, dar visibilidade aos processos e atores que usam o espaço (enquanto lugar ou território), intencionalmente, de modo a concretizarem os seus interesses de curto, médio e longo prazo. Interesses que se nos apresentam sob a forma de conflitos entre grupos sociais que usam o espaço ora no sentido da manutenção, ora no da mudança da realidade sócio-espacial dos homens e mulheres. Por isso é que, na busca de uma análise crítica e criativa, muitos geógrafos têm dado visibilidade, sobretudo, aos atores e processos sociais que sempre foram negligenciados pela gestão e pelo planejamento urbanos, não obstante a sua relevância à construção de um mundo com mais liberdade e justiça sócio-espacial.

Nessa perspectiva, daremos alguns exemplos de temas de estudos mediante alguns casos de pesquisas sobre microunidades de produção, serviços sociais, serviços de proximidade e turismo. Temas que são de grande pertinência a uma abordagem crítica do conhecimento geográfico.

Quando os geógrafos – críticos – estudaram algumas microunidades de produção, eles o fizeram de modo a procurar ir além das análises que se debruçavam apenas com a descrição e explicação da localização e distribuição das atividades econômicas num espaço específico. Isto posto, devemos considerar que esses geógrafos passaram a considerar, ao mesmo tempo, o papel dessas unidades de produção no processo global de construção do espaço social das pessoas envolvidas, levando em conta os seus vínculos com o mercado

regional e/ou global dos quais conseguem viver; num contexto muitas vezes de subordinação; e sempre vislumbrando perspectivas de mudanças sócio-espaciais.

Ao se estudar a organização espacial de serviços sociais, certos geógrafos partiram da análise da localização e distribuição espacial dos seus objetos espaciais (escolas, unidades de cursos profissionalizantes, hospitais, centros culturais etc.), no sentido de discutirem em que medida, ao longo do tempo, esses objetos tornaram-se de fato espaços de interesse social. Num contexto sócio-econômico e cultural vinculado ao projeto neoliberal de sociedade, tem-se debruçado, também, sobre o papel dos serviços na sociedade, no âmbito dos embates entre a formação do cidadão (imperfeito?) e a do consumidor (mais-que-perfeito?).

No momento em que se estuda a expansão territorial de serviços essenciais à vida urbana (a exemplo dos serviços de proximidade: cursos de capacitação para o trabalho, serviços de atenção ao idoso etc.), alguns geógrafos têm indagado em que medida existe de fato políticas públicas de capacitação para o trabalho que use o território no sentido da promoção do desenvolvimento sócio-espacial concreto dos indivíduos; não ficando, assim, apenas na análise da lógica da localização e distribuição espacial desses serviços.

Ao estudar o turismo, alguns geógrafos estão saindo das abordagens tradicionais calcadas apenas na localização e distribuição dos objetos espaciais de interesse turístico no espaço geográfico. Este percurso começou com a consideração, ao nível do imaginário social, da criação de paisagens turísticas, que reforçam os lugares turísticos. Em seguida, partiram para o questionamento do uso (através da turistificação de lugares: lugares turísticos?) político-social do turismo, legitimando o poder de elites que dirigem, há séculos, o poder local. Por último, interessaram-se pela desmitificação do turismo como panacéia, refletindo, ao mesmo tempo, acerca das reais possibilidades do turismo promover o desenvolvimento sócio-espacial das pessoas.

## V Conclusão

A nossa modesta contribuição à discussão da construção da teoria social crítica consiste em propor duas tarefas interdependentes entre elas ao *trabalho do geógrafo no terceiro mundo*: fazer a (re) articulação dos fragmentos do mundo a exemplo do que têm feito geógrafos do quilate de Harvey (2000) e Santos (1997); e pensar o espaço como uma dimensão social, que só tem sentido quando percebida, analisada e explicada junto a outras dimensões do nível social-histórico: sociedade, economia, política, cultura, psicológica etc.

Isto no sentido de buscar elucidar em que medida o uso do espaço está atendendo a interesses inerentes a ordens distantes (a *solidariedades organizacionais*) ou a ordens próximas (a *solidariedades orgânicas*), vislumbrando uma perspectiva de valorização e fortalecimento do lugar da vida cotidiana das pessoas. Pois somente assim é que se conseguirá discutir e negociar o que é de fato pertinente para cada lugar, beneficiando a toda uma coletividade e não apenas a alguns indivíduos ou grupos sociais.

Ademais, ao considerarmos as tarefas acima esboçadas, estaremos compreendendo que o espaço geográfico, a dimensão material da sociedade, não é um epifenômeno. Ao contrário, ele desempenha papéis ativos na reflexão e na *práxis* dos homens, constituindo uma força, a *força do lugar* (SANTOS, 1997) a qual constitui o próprio espírito dos lugares que, conforme Jacques Lévy (1999), deve ser revelado na sua complexidade pelo

geógrafo. É aqui, também, onde residem as possibilidades de mudança social, enquanto *virtualidades* (LEFEBVRE, 1970, 1999) as quais também devem ser consideradas na análise do geógrafo.

## Referências

- CASTORIADIS, Cornélius. *O mundo fragmentado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. (as encruzilhadas do labirinto 3)
- \_\_\_\_\_. *A ascensão da insignificância*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. (as encruzilhadas do labirinto 4)
- HARVEY, David. *Spaces of hope*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2000
- LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Tradução de Sérgio Martins. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1999. (1970; data da sua primeira edição francesa)
- \_\_\_\_\_. *La production de l'espace*. 3.ed. Paris: Éditions Anthropos, 1986. (1974; data da primeira edição)
- LÉVY, Jacques. *Le tournant géographique*. Penser l'espace pour lire le monde. Paris: Éditions Belin, 1999.
- MARICATO, Ermínia. As idéias fora do lugar e o lugar fora das idéias. Planejamento urbano no Brasil. In: ARANTES, Otilia, VAINER, Carlos & MARICATO, Ermínia. *A cidade do pensamento único*. Desmanchando consensos. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1997.